



O outro efeito do casamento precoce

ELISEU BENTO

O HOSPITAL Central da Beira promoveu esta semana uma campanha de operação a fístulas obstétricas, envolvendo 43 pacientes, maioritariamente jovens adolescentes oriundas dos distritos da província de Sofala e não só.

Afim de dar os contornos da operação, a maior unidade hospitalar da região centro chamou a imprensa para o clínico Hélder de Miranda fazer as devidas explicações.

Por exemplo, que o problema da fístula está relacionado com os partos de mulheres jovens que não têm ainda idade para engravidar.

“Casam-se muito cedo e a bacia não está desenvolvida para o feto poder passar. Fazendo essa operação durante muitas horas pode originar um orifício e qualquer dessas fístulas tem que ser reparada. Nesse processo, a mulher pode tirar urina e mesmo fezes pela vagina. Esses pacientes socialmente são excluídos por causa do cheiro que vão exalando”, referiu Miranda.

Acrescentou que todas as mulheres operadas a fístula deixam de ter um parto normal, passando a tê-lo à cesariana.

O HCB tem efectuado operações de fístulas duas vezes por semana e de Janeiro até então foram operadas dez pacientes.

As informações do Dr. Miranda chamaram-me particular atenção quando se referiu à forma de prevenção deste problema.

Respondendo à pergunta, Miranda disse taxativamente: “Evitar os casamentos prematuros”.

Isso, pelas razões que já apontara, porque as meninas casam-se cedo e a sua bacia ainda não está suficientemente desenvolvida para o feto passar quando já em ser-

viço de parto.

Pois, temos estado “todos os dias” a falar de casamentos prematuros como promotores da desgraça feminina.

Contudo, invariavelmente, fazemo-lo porque as meninas abandonam literalmente a escola para contraírem matrimónio não raras vezes com indivíduos de idades para serem seus pais.

Eis que estamos em presença de mais um motivo para combatermos energicamente este mal que grassa a nossa sociedade.

Junto-me aqui ao Dr. Miranda para, com as poucas forças que tenho, ajudar a disseminar a mensagem da necessidade de evitarmos os casamentos prematuros, não apenas porque as raparigas deixam de estudar, mas porque põem em perigo a sua própria vida.

Se calhar, nos muitos seminários, reuniões, palestras e outros eventos que promovemos tenhamos que trazer relatos e depoimentos das raparigas doentes para ajudarem a desencorajar as outras que pensem em enveredar por esse caminho.

Por exemplo, o “Notícias” entrevistou nessa ocasião duas das raparigas operadas pela equipa do Dr. Miranda, uma de 18 e outra de 19 anos.

Ambas foram unânimes em contar, por exemplo, que muitas pessoas próximas fugiam delas pelo cheiro desagradável que exalavam, provocado por esta enfermidade.

Uma delas contou que urinava e defecava sem se aperceber, também como resultado da doença.

Penso que relatos como estes podem ajudar a afastar outras meninas dos casamentos prematuros, evitando, por conseguinte, correr riscos como estes.

É este, infelizmente, o outro efeito perverso do casamento precoce ou prematuro, como queiramos!